

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HABILITAÇÕES PEDAGÓGICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

DEYSEANE SANTANA DOS SANTOS
GRACE MARY NUNES DE AZEVEDO
MARIA DE FATIMA VASCONCELIS DANTAS

CONTINUAR A APRENDER:
entre o desafio e a realidade da EJA nos dias atuais

JOÃO PESSOA

2013

DEYSEANE SANTANA DOS SANTOS
GRACE MARY NUNES DE AZEVEDO
MARIA DE FATIMA VASCONCELIS DANTAS

CONTINUAR A APRENDER: entre o desafio e a realidade da EJA nos dias atuais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Valéria Santos Diniz.

JOÃO PESSOA

2013

**DEYSEANE SANTANA DOS SANTOS
GRACE MARY NUNES DE AZEVEDO
MARIA DE FATIMA VASCONCELIS DANTAS**

CONTINUAR A APRENDER: entre o desafio e a realidade da EJA nos dias atuais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do grau de Licenciado
em Pedagogia.

João Pessoa, _____ de _____ de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Adriana Valéria Santos Diniz – UFPB
Orientadora

Examinador I

Examinador II

De Deyseane Santana

A Deus, primeiramente, que, no decorrer desse curso, esteve comigo em todos os momentos de alegrias e angústias. Por seu cuidado, amor e refúgio em meio às dificuldades enfrentadas nesses quatro anos e meio, que me fortaleceu e me guiou até o fim. *Porque*

Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

Aos meus pais, Jozélia Alves e Djalmo Antonio, pelo amor e dedicação, mas, principalmente, à minha mãe, por seu apoio e suas orações e à minha irmã, Janielly Santana, minha companheira de trabalhos e conversas nas madrugadas.

Aos meus amigos que sempre acreditaram em mim, por ter me encorajado a não desistir e por ter me orientado a seguir em frente confiando em Deus quando tudo estava tão difícil.

À Grace Mary e Fatima Vasconcelos, amigas, companheiras em todos os momentos, desde o início até a conclusão do curso.

À Professora Dra. Adriana Diniz, por sua orientação e disposição para o nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

De Grace Mary

Dedico esta monografia ao meu Deus, que é fiel em minha vida. A ti toda honra e toda glória.

Aos meus pais, Rosalio José e Nilza Nunes, pelo amor incondicional.

Ao meu irmão, Gleudson José, à minha avó, Maria das Neves, à minha cunhada, Generosa Lauriano, e à minha sobrinha, Maria Isabelly: muito obrigada por ter transformado minha vida.

Ao meu querido avô, Antonio Manoel, por acreditar em mim sempre e por me dedicar tanto carinho e atenção.

Ao meu namorado José Ivanildo, que esteve sempre ao meu lado, me ajudou, me deu carinho e compreensão e nunca mediu esforços para que esse sonho torna-se realidade.

À Professora Dra. Adriana Diniz, pela orientação desse trabalho.

Aos meus amigos de turma, em especial à Maria de Fátima Vasconcelos e Deyseane Santana, pelo carinho, companheirismo, dedicação e fidelidade.

De Maria de Fatima Vasconcelos

Dedico minha vitória em primeiro lugar a Deus, pelo Dom da vida e por ter me guiado durante esses 4 anos e 6 meses de curso, sempre me iluminando nos momentos difíceis e também nos momentos alegres.

Ao meu esposo, Fernandes, pelo apoio que sempre me dedicou, pelas noites estudando história juntos quando ainda éramos namorados e pela compreensão quando, muitas vezes, me tornei ausente como esposa nos dias de total dedicação ao curso.

Aos meus pais, por terem me entendido e me apoiado quando pensei que teria de enfrenta-los.

Aos meus irmãos e irmãs, Maria José, Madalena, Maria da Guia, Pedro, Josinaldo e Joel, que sempre me fizeram crê que eu era capaz e sempre me deram amor e carinho.

Aos meus cunhados e cunhadas, que sempre me deram apoio e que também me fizeram crer que eu era capaz.

Aos meus sobrinhos, Sidney, Samuel, Lucas Gabriel, Luana Gabriela, Antony Edimilson, Júlio César, Layanderson e Felipe, que tornaram meus dias cada vez mais felizes.

Aos meus colegas de sala, em especial às minhas amigas, colegas, companheiras, desde o primeiro dia do curso até o último dia: Grace Mary e Deyseane Santana, as quais dividem esse TCC comigo.

À minha amiga Flaviane Caixias, que compartilhou comigo muitos trabalhos da universidade e também me deu muito apoio pra que eu continuasse na caminhada.

Dedico em especial à orientadora Professora Dra. Adriana Diniz, por ter se mostrado sempre pronta para tirar nossas dúvidas, nos orientado quanto ao caminho a percorrer para conseguir alcançar nosso objetivo. Sem ela não teríamos conseguido.

E, por fim, dedico a todos os mestres do ensino fundamental e médio, em especial a Felipe Nolette, professor que colocou na minha cabeça a primeira sementinha que eu era capaz de conseguir e prosseguir com meus estudos e que ainda hoje continua me dando forças pra que eu não pare.

AGRADECIMENTOS

De Deyseane

A Deus, o meu criador, pela sabedoria adquirida, por sua fidelidade, proteção, amor e por ter me proporcionado experiências maravilhosas com Ele no decorrer do curso e que sempre supriu minhas necessidades.

À minha família escolhida por Deus, meu alicerce e meu apoio em todos os momentos.

Aos meus amigos que me incentivaram a nunca desistir, por ter me dado forças para continuar, por presenciar minhas aflições em um período conturbado e por acreditar em minha capacidade, depositando toda confiança, em especial a Álefy Matheus e Ridley Jansen, pelo carinho, palavras e orações.

À Grace Mary e Maria de Fatima, amigas de TCC, pelos obstáculos superados juntas, pela compreensão nas situações mais difíceis e pela realização desse sonho.

À Janielly Santana, Alana Maria e Victor Ádony, por cada palavra de consolo, por acreditar e me incentivar sempre.

À Virgínia Geny e Aécio Alves, que são como mãe e pai para mim, por todo carinho, amor e preocupação.

De Grace Mary

Primeiramente, quero agradecer ao meu Deus, que é fiel em minha vida e que me concedeu o dom de estar viva e de poder concretizar esse sonho. Para Ti, Senhor, toda honra e toda a glória. Sem Ti não sou ninguém e jamais teria chegado até aqui. Obrigada, meu Deus!

Serei infinitamente grata à Nilza Nunes de Azevedo (mãe) e Rosalio José de Azevedo (pai), por revestirem minha existência de amor, carinho e dedicação e por me ensinarem todos os

valores que me transformaram em uma adulta responsável e consciente. Obrigada por apoiarem minhas decisões, pelo carinho, pela força, enfim, pelo amor incondicional.

À Maria das neves (avó) e Gleudson José (irmão), pelo apoio nas horas mais difíceis dessa jornada.

À Maria Isabelly, por ter transformado minha vida.

A José Ivanildo da Silva, muitíssimo obrigada pelo apoio, pela confiança, por todas as ajudas financeiras, por sua compreensão, pela paciência, pela proteção, pelo carinho que me dedica, por seu ânimo sempre que confidencio uma conquista. Seus mimos que foram essenciais. Por sempre me colocar animada em momentos impossíveis para isso, pelas noites em que deixou de ficar em seu descanso para poder me ajudar. Você é muito importante em minha vida. Divida comigo essa conquista.

A Antonio Manoel da Silva (avô), a quem dedico meu sucesso. A pessoa que mais esteve ao meu lado nos momentos em que precisei, sempre me apoiando, mesmo que sem perceber, me incentivando com suas palavras de carinho, respeito, atenção e, principalmente, o orgulho que demonstrava sentir por mim: isso sem dúvidas era o que me fazia continuar. Mesmo nos momento mais difíceis dessa caminhada e confesso que não foram poucos, obrigada por acreditar em mim quando eu achei difícil acreditar em mim mesma e por dizer algumas vezes, mesmo que involuntariamente, o que eu realmente precisava ouvir. A ti dedico a minha vitória. Sem o seu apoio não teria conseguido concluir.

Minha sincera gratidão à Generosa Vicente Lauriano de Azevedo (cunhada). Se não fosse você não teria feito o vestibular e provavelmente não estaria vivendo esse momento, que é tão importante em minha vida. Você foi o início de toda essa história.

Às minhas grandes amigas que conquistei ao longo desses anos Maria de Fatima Vasconcelos e Deyseane Santana: tantos momento bons vivemos nesses anos, muitas risadas, momentos de tensão. Muito obrigada pelo apoio, carinho, respeito e por vocês terem existido em minha vida.

De Maria de Fatima Vasconcelos

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo Dom da vida, por sempre ter caminhado à minha frente nos momentos que eu pensava não conseguir e prosseguir no meu sonho e por ter colocado no meu caminho pessoas que sempre me apoiaram e me compreenderam em todos os momentos da minha vida.

Aos meus Pais, por me fazerem ser a pessoa que sou hoje, por ter me apoiado em todos os momentos da minha vida e por terem aceitado todas as minhas escolhas, quando, muitas delas, não seriam as deles, sempre demonstrando amor, carinho e orgulho por eu ter me tornado uma vencedora.

Aos meus irmãos e irmãs, Maria José, Madalena, Maria da Guia, Pedro, Josinaldo e Joel, pela dedicação e compreensão quando não podia estar presente com eles, sempre me dando palavras de apoio e me fazendo crê que eu era capaz.

Ao meu esposo Fernandes Dantas, por ter me dado total apoio e por se dedicar ao máximo, não medindo esforços para que eu concretizasse meu sonho, nunca deixando que eu desanimasse quando queria desistir, sempre me fazendo acreditar que eu era forte quando, muitas vezes, me sentia fraca, me fazendo perceber que era capaz de chegar até o final quando pensava estar no fundo do poço.

A todos meus amigos e amigas que foram fundamentais para este sonho se tornar realidade, em especial Adma Nadja, Janaína Fabiana, Mislene, Maricléia, Juraci, Chiquinho e Marcos, por terem dado o ponta pé inicial para que eu fosse atrás do meu sonho, me fazendo crê que era capaz; devo praticamente a eles estar concluindo a minha graduação. Não esquecendo de agradecer também a um trio que sempre se mostrou pronto para me ouvir nos momentos de dificuldades, me dando palavras de apoio e comemorando comigo os momentos felizes, não existia tempo ruim quando estava com eles: Valéria, Reginete e Nilson.

À minha prima, Djailma, e seu esposo, Gabriel, por me entenderem nos momentos de estresse.

Agradeço, em especial, às amigas que conquistei no decorrer do curso, em especial Grace Mary, Deyseane Santana e Flaviane Caixias, as quais sempre estiveram comigo em todos os momentos de alegria, de descontração, de ansiedades, de dificuldades, de emoções e de realizações: muito obrigada por terem me compreendido, me aturado e me dado apoio sempre, principalmente em momentos em que eu pensava não conseguir seguir em frente.

Agradeço também aos professores que tiveram paciência e transmitiram com amor o seu conhecimento e também aqueles que fizeram apenas seu trabalho de professor.

Sem sonhos, a vida não tem brilho. Sem metas, os sonhos não têm alicerces. Sem prioridade, os sonhos não se tornam reais. Sonhe, trace metas, estabeleça prioridade e corra riscos para executar seus sonhos. Melhor é errar por tentar do que errar por se omitir! Não tenhas medo dos tropeços da jornada. Não podemos esquecer que nós, ainda que incompleto, fomos o maior aventureiro da história.

(Augusto Cury)

RESUMO

Esta pesquisa, intitulada “Continuar a aprender: entre o desafio e realidade da EJA nos dias atuais”, se desenvolveu junto a uma turma de alfabetização da EJA (Ciclo I) localizada em uma Escola Municipal de João Pessoa e teve como objetivo analisar os fatores que contribuem para a permanência dos alunos da EJA na escola, mapeando as expectativas dos alunos para a conclusão do curso e procurando compreender o papel e a importância da prática pedagógica docente e escolar para a permanência destes. Realizamos uma pesquisa qualitativa em uma turma em que o ciclo de alfabetização estava no processo inicial por meio de observações e entrevistas semiestruturadas com a educadora, gestoras e alfabetizandos. Com isso, pode-se verificar que a ação pedagógica da educadora, aparentemente, se alicerçava numa prática de cunho tradicional com ênfase em atividades que visam à aquisição das habilidades de leitura, escrita e cálculo.

Palavras-chave: EJA. Alfabetização. Permanência.

ABSTRACT

This research, entitled “Keep learning: Between the challenge and reality of EJA in the present day”, was developed together with a group of EJA alphabetization (Cycle I), located in a municipal school in João Pessoa, in order to analyze the factors that contribute to the permanence of EJA students in school, mapping the students expectations to complete the course and trying to understand the role and importance of educational pedagogical practice and scholastic for students permanence. We conducted a qualitative study in a classroom where the alphabetization cycle was in the initial process, through observations, semi-structured interviews with teacher, managers and learners. Thus, we could verify that the pedagogical action of the teacher apparently consolidate a practice of traditional features, with emphasis on activities that aimed the acquisition of skills in reading, writing and arithmetic.

Keywords: EJA. Alphabetization. Permanence.

SUMÁRIO

1 A PERMANÊNCIA DO ALUNO DA EJA COMO OBJETO DE ESTUDO	13
1.1 INTRODUÇÃO.....	13
1.2 JUSTIFICATIVA.....	13
1.3 PROBLEMAS DE ESTUDO E PESQUISA.....	14
1.4 OBJETIVOS.....	14
1.5 METODOLOGIA.....	14
2 A PERMANÊNCIA DO ALUNO NA EJA: continuar a aprender um desafio e uma realidade a ser compreendido nos dias atuais	17
2.1 A EJA NO BRASIL: UMA BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA.....	17
2.2 A EJA É UM DIREITO DE TODOS.....	21
2.3 UMA EJA ALÉM DA ALFABETIZAÇÃO.....	22
2.4 EVASÃO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	26
3 VIVENCIANDO A REALIDADE	29
3.1 SOBRE A OBSERVAÇÃO.....	29
3.2 OS SUJEITOS E AS ENTREVISTAS.....	29
3.3 RESUMO DA ENTREVISTA.....	31
3.4 PASSO A PASSO.....	32
4 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	38

1 A PERMANÊNCIA DO ALUNO DA EJA COMO OBJETO DE ESTUDO

1.1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar os fatores que contribuem para a permanência dos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) na escola, mapeando as expectativas dos alunos para a conclusão do curso e procurando compreender o papel e a importância da prática pedagógica docente e escolar para a permanência destes.

Fazendo uma breve retrospectiva da história da EJA, no Brasil, esta acompanha a trajetória da educação do país com suas lutas, conquistas, transformações sociais, políticas e econômicas.

No decorrer do trabalho, enfatizaremos a EJA como um direito de todos assegurado por lei, sendo esta muito mais que uma mera alfabetização que ensina a ler e escrever, pois procura desenvolver nos alunos competências e habilidades que façam com que estes construam um conhecimento crítico na sociedade contemporânea, compreendendo o seu papel e que possuem direitos e deveres. O texto oferece uma rápida visão sobre a evasão escolar enfatizando a permanência dos alunos na sala de aula para que eles construam sua identidade como ser atuante e crítico perante a sociedade.

Dentro dessa perspectiva, buscamos, através de uma pesquisa qualitativa, etnográfica e descritiva, compreender a realidade em que os alunos se encontram. Utilizamos a entrevista semiestruturada como coleta de dados para obtermos as respostas sobre as indagações surgidas dentro da temática.

1.2 JUSTIFICATIVA

A temática do presente trabalho está relacionada à permanência do aluno na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Tal escolha se deu em função da nossa inquietação para tentar compreender como “poucos” alunos dos que são matriculados na EJA conseguem chegar até o fim. Nosso maior interesse é, portanto, descobrir o que faz com que esses alunos permaneçam nas escolas. Será a vontade de crescer na vida? Será uma exigência por parte do trabalho? Será que esses alunos se identificaram com a proposta pedagógica da escola ou dos professores? Será que retornam ao ambiente escolar para resgatar sua autoestima, sua identidade, ampliar suas possibilidades de interagir com o mundo, transformar suas vidas?

A literatura tem se dedicado a analisar os motivos e as consequências da evasão, mas resolvemos estudar os fatores que causam não a evasão, mas a permanência do aluno na EJA, suas histórias de vida, experiências desses poucos alunos que chegam ao fim do percurso em busca do conhecimento, conhecimento tal que resgata sua identidade de cidadão atuante.

O nosso trabalho poderá contribuir para que novas pesquisas sejam realizadas e fazer com que alunos desmotivados, conhecendo a realidade de muitos que conseguiram chegar ao fim do curso tendo as mesmas dificuldades que eles, possam se encorajar e enfrentar os desafios da sala de aula que o ensino regular ou a EJA oferecem.

1.3 PROBLEMAS DE ESTUDO E PESQUISA

Frente a esta situação da EJA no Brasil e na Paraíba, um conjunto de perguntas que nos inquieta guiará o nosso trabalho de pesquisa, que são:

- Quais os fatores que contribuem para a permanência do aluno da EJA?
- Quais as expectativas desses alunos para chegarem até o fim?
- Em que a prática pedagógica das escolas ou dos professores influencia na permanência desses alunos?

1.4 OBJETIVOS

- Analisar os fatores que contribuem para a permanência dos alunos da EJA na escola;
- Mapear as expectativas dos alunos para a conclusão do curso;
- Compreender o papel e a importância da prática pedagógica docente e escolar para a permanência dos alunos.

1.5 METODOLOGIA

Foi selecionada a Escola Municipal Francisca Moura, localizada na Rua Silvino Santos, s/n, Mandacaru, em João Pessoa-PB, com o objetivo de conhecer um pouco da realidade dos alunos da EJA do Ciclo I, tendo em vista que a escola já serviu como fontes de pesquisas para trabalhos acadêmicos anteriores, nos quais a realidade exposta nos causou inquietações com relação a entender o porquê do retorno desses alunos nessa etapa da vida e

compreender os mecanismos utilizados no processo de ensino-aprendizagem presente na escola que contribui para a permanência desses alunos na escola.

Para maior complemento da nossa pesquisa, analisamos uma sala da EJA do Ciclo I, no turno da noite, que funciona das 19h00min às 21h00min, de segunda à sexta. Os dados para servir como fonte de pesquisa se deu em 6 (seis) dias nos meses de julho e agosto do decorrente ano. Para isso, foi realizado uma pesquisa qualitativa, etnográfica, descritiva de natureza empírica como coleta de dados, por meio da observação não participante e sistemática.

A pesquisa qualitativa, segundo Brennan, Prestes e Rossi (2012, p. 356), “não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento chave”. Para tanto, a descritiva “visa descrever as características de determinada população” (Ibidem, p. 357) e requer o uso padrão de técnicas de coleta de dados, tais como: questionário e observação sistemática. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Desse modo, nossa pesquisa é caracterizada como descritiva uma vez que explica o porquê dos alunos terem parado de estudar na infância e voltado na fase adulta, assim como também procura explicar o contexto em que cada educando se encontra.

Também é caracterizada como uma pesquisa etnográfica porque foi preciso alguns dias de observação na escola para que pudéssemos compreender o contexto daqueles educandos e, então, entender os motivos que eles abandonaram e depois voltaram à escola. “Os estudos etnográficos podem ser um processo sistemático de observar, detalhar, descrever, documentar e analisar o seu modo de viver em seu ambiente natural” (Ibidem, p. 358).

A pesquisa empírica “disponibiliza informações sobre as características físicas e humanas do ambiente de pesquisa; os aspectos financeiros, sociais e culturais; fotos e outros tipos de ilustrações” (Ibidem, p. 370).

A coleta de dados tem a finalidade de contribuir para a compreensão dos motivos pelos quais os alunos da EJA permanecem até o final e compreender a importância da prática pedagógica docente e escolar para a permanência destes. Assim, “os instrumentos de coleta de dados deverão tomar como referência os objetivos do trabalho” (Ibidem, p. 372).

Richardson (2007 *apud* BRENNAND; PRESTES; ROSSI, 2012, p. 372) afirma que:

[...] a pesquisa social requer, entre outros cuidados, muita atenção, humildade, honestidade intelectual e rigor metodológico, desde a eleição do tema para estudo, seguindo em todos os seus passos até o relatório final. Logo, em dado momento será necessária a escolha dos instrumentos de

coleta de dados e as técnicas a serem adotadas no desenvolvimento do trabalho.

A coleta de dados se deu por meio da observação não participante e sistemática, na qual apenas foi observado o contexto da situação – no caso, a sala de aula – e as anotações foram feitas posteriormente. Trivinõs (2008 *apud* BRENNAND; PRESTES; ROSSI, 2012, p. 378) relatam que “observar, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais etc.) algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características”. Richardson (2007 *apud* BRENNAND; PRESTES; ROSSI, 2012, p. 379) acrescenta a discussão afirmando que “a observação é classificada, tradicionalmente, como um método qualitativo de investigação”.

Num primeiro momento, pensamos em fazer um questionário tendo um roteiro pré-definido, mas, ao chegarmos à escola, nos deparamos com uma turma que ainda não sabia ler nem escrever. Dessa forma, resolvemos utilizar o questionário contendo onze (11) questões como um roteiro de entrevista semiestruturada, na qual as questões foram lidas para os alunos enquanto escrevíamos o que eles respondiam. Dentro da pesquisa, buscamos informações sobre as características físicas, humanas, aspectos financeiros, sociais e culturais do ambiente de pesquisa. Foram entrevistados alunos, professores e gestores.

Os objetivos que norteiam a pesquisa estão relacionados à compreensão da permanência dos alunos na EJA e os fatores contribuintes nessa modalidade. Brennand, Prestes e Rossi (2012, p. 374), sobre questionário, relata que o mesmo:

Atua como mediador entre o campo da pesquisa e seus sujeitos e o pesquisador, considerando que, não raras vezes, o pesquisador não necessita está in loco para que os participantes da pesquisa respondam o questionário.

Já quanto à entrevista, Rodrigues (2007 *apud* BRENNAND; PRESTES; ROSSI, 2012, p. 377) salienta que esta “[...] é uma técnica de coleta de dados de informações de uso universal em ciências sociais, isto é, psicólogos, sociólogos, pedagogos, antropólogos, historiadores [...]”.

Diferentemente do questionário, que requer que os sujeitos sejam alfabetizados para poder responder adequadamente ao formulário, a entrevista é flexível e pode ser aplicada a pessoas não letradas. Pode ser entendida, principalmente no campo da educação, como um momento que pode ser marcante para a vida do pesquisador (BRENNAND; PRESTES; ROSSI, 2012, p. 377).

2 A PERMANÊNCIA DO ALUNO NA EJA: continuar a aprender um desafio e uma realidade a ser compreendido nos dias atuais

2.1 A EJA NO BRASIL: UMA BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA

A história da EJA no Brasil acompanha a trajetória da educação do país com suas lutas, conquistas, transformações sociais, políticas e econômicas. A alfabetização foi iniciada através da catequização dos índios no Brasil Colônia com os jesuítas. Com a expulsão dos jesuítas no século XVIII, o ensino desestruturou e foi retomado a partir da época do Império, em 1822.

Com o passar do tempo, na Constituição de 1934, a educação foi exposta como um direito adquirido por todos e um dever tanto do Estado e demais instituições governamentais, quanto da família, em coeducação (Artigo 148). Para isso, foi estabelecido um Plano Nacional de Educação para assegurar um ensino integral, gratuito e de frequência obrigatória para os adultos como direito institucional e um dever do Estado. Tal Plano não foi concretizado em função da instauração da Ditadura Vargas, com a implantação do Estado Novo, o que gerou a Constituição outorgada de 1937. A educação, nesse período, não era vista com tanta importância como na Constituição anterior e a responsabilidade do Governo diminuiu, reduzindo a um complemento educativo para aqueles que não puderam financiar a própria educação.

Na década de 40, “as ideias, as leis e as iniciativas que se consolidam (...) [configuram] uma situação inteiramente nova. Até então, registravam-se alguns esforços locais, (...) mas, na década de 40, cogita-se uma educação para todos os adolescentes e adultos analfabetos do país” (BEISIEGEL, 1982; p. 177). No contexto do fim da Segunda Guerra Mundial e do fim da Ditadura Vargas, surgiram o Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP) destinado à expansão e melhoria da organização escolar primário de todo o país; o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), para mostrar informações, pesquisas e estatísticas educacionais com base nas publicações e resultados de avaliação de ensino; e, as primeiras obras voltadas para o ensino supletivo, pensando nos materiais didáticos para a Educação de Adultos (EA), passando a existir a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), entre outros.

Com as iniciativas para a Educação de Jovens e Adultos, a educação nacional passa a ser uma questão importante para o Brasil. Em 1946, com a implantação do Estado Nacional

Desenvolvimentista, o país consolida a passagem do modelo agrícola e rural para o modelo industrial e urbano. Para atender esse novo modelo, necessitava de mão de obra qualificada e alfabetizada para as indústrias.

A formação de mão de obra qualificada para a indústria passa a definir toda a preocupação desenvolvimentista com a política educacional. Sua base é a educação voltada para o trabalho, tendo no mercado de trabalho o seu ponto básico de referência. A pretensão é torná-la técnica, especializada na medida do esforço técnico necessário para o tipo de desenvolvimento que se busca. Isto é, trata-se de uma educação que tem por finalidade adequar as novas gerações ao projeto de desenvolvimento em curso, com ela completando os elementos constitutivos do seu suporte na estrutura social. (CARDOSO, 1978: 429)

Para servir a demanda da indústria, nasceu o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), uma educação voltada para o trabalho para atender as novas transformações sociais, com isso, houve grandes avanços na EJA e a educação passou a ser um instrumento de grande relevância para os cidadãos.

A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) foi lançada em 1947 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), com o objetivo de não apenas alfabetizar, mas de enraizar o trabalho educativo. Essa campanha atuou tanto no meio rural como no ambiente urbano. Nesse mesmo ano, foi realizado o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos.

A CEAA nasceu da regulamentação do FNEP e seu lançamento se fez em meio ao desejo de atender aos apelos da UNESCO em favor da educação popular. No plano interno, ela acenava com a possibilidade de preparar mão-de-obra alfabetizada nas cidades, de penetrar no campo e de integrar os imigrantes e seus descendentes nos Estados do Sul, além de constituir num instrumento para melhorar a situação do Brasil nas estatísticas mundiais de analfabetismo (PAIVA, 1987, p. 178).

Nos anos 50, aconteceram várias transformações relevantes para o quadro educacional. A Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) abriu uma discussão sobre a EA, enfatizando que a atividade de alfabetizar era insuficiente, pois crianças e jovens deveriam ser prioritários nessa ação. A CNEA passou por dificuldades no ano de 1961 e foi anulada em 1963. Em 1958, realizou-se o 2º Congresso Nacional de Educação de Adultos

para avaliar as ações efetuadas na EA e, assim, solucionar os problemas encontrados nesse âmbito.

Na década de 60, grandes iniciativas de educação popular estavam sendo executadas no país para alfabetizar a população. O método de Paulo Freire, no qual era intitulado por Educação Popular e que iniciou na cidade de Angicos – Rio Grande do Norte, teve como objetivo alfabetizar trabalhando o ensino da língua escrita, a construção do conhecimento por meio de conversas interagidas entre o educador e educando e a aprendizagem dos alunos era através dos temas e palavras geradoras. Essa ação ficou conhecida como “As quarenta horas de Angicos”, que pretendia alfabetizar adultos em apenas 40 horas.

A experiência foi um sucesso, conseguiu alfabetizar 300 pessoas em 40 horas. Por consequência dessa ação de Paulo Freire, João Goulart o convidou para implantar o Plano Nacional de Alfabetização e aplicar o seu método. Entretanto, esse plano foi interrompido após o Golpe Militar, em 1964. As contribuições de Paulo Freire nessa década foram um marco extraordinário para a educação brasileira, pois a história da EJA está relacionada a Paulo Freire e ao seu método aplicado em Angicos.

Em 1967, o regime militar criou o Movimento Brasileiro (MOBRAL), dando fim no Movimento de Educação de Bases (MEB), que tinha como alvo alfabetizar e libertar homens e mulheres através da leitura e da escrita. No MOBRAL, o que mais importava era a leitura e a escrita dos alunos, deixando de lado a sua formação como cidadãos na sociedade.

Na década de 70, iniciaram as ações do MOBRAL para acabar com o analfabetismo em apenas dez anos. Em 1971, implantou-se, no Brasil, o ensino supletivo amparado pela Lei nº 5.692, de 11 de agosto.

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei nº 5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria (VIEIRA, 2004, p. 40).

O ensino supletivo, com suas propostas de repor a escolaridade, acolhe os jovens e adultos que ainda não conseguiram concluir na idade correta. Foram criados os Centros de Estudos Supletivos como um padrão de educação para o futuro, mas tais Centros não atingiram os objetivos propostos voltados para os interesses das empresas privadas de educação do país por falta de apoio político e financeiro.

A década de 80 foi marcada pelos movimentos sociais organizados em diversas associações que lutaram pela melhoria da educação no país, por melhores salários para os professores, suas condições de trabalho e sua formação profissional.

Com o fim do Governo Militar, o Brasil retomou com o processo de redemocratização através da campanha Diretas Já e essa redemocratização permitiu a ampliação das atividades da EJA, dando uma ênfase à defesa da escola pública e gratuita para todos. Havia, então, um interesse para obter essa escola tão almejada por todos que lutaram para adquiri-la.

Em 1985, o MOBREAL passou por diversas transformações, foi abolido e substituído pela Fundação EDUCAR na década de 90, expandindo as atividades da EJA, assumindo as mesmas características do MOBREAL, mas sem a ajuda financeira para a sua manutenção.

Uma das causas do fracasso do MOBREAL no seu trabalho de alfabetização do jovem e do adulto brasileiros está relacionada aos recursos humanos: o despreparo dos monitores a quem era entregue a tarefa de alfabetizar. Tratava-se de pessoas não capacitadas para o trabalho em educação, que recebiam um “cursinho” de treinamento de como aplicar o material didático fornecido pelo MOBREAL e ensinavam apenas a mecânica da escrita e da leitura, portanto, não alfabetizaram (SAUNER, 2002, p.59).

A Constituição de 1988 trouxe um capítulo inteiro voltado para a educação pública e contribuiu para os avanços na EJA, assegurando o ensino fundamental obrigatório e gratuito e garantindo para os que não tiveram acesso à escolarização na idade própria uma oportunidade de concluir os estudos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, decretada em 20 de dezembro de 1996, propôs uma modificação/reorganização na educação brasileira, onde a Educação de Jovens e Adultos passa a ser vista como uma modalidade da educação básica.

Atualmente, a alfabetização de jovens e adultos é uma questão prioritária do Governo para acabar com o analfabetismo e, para que isso seja uma realidade, precisa mobilizar ações. Alguns programas foram lançados, como o Programa Brasil Alfabetizado, com projetos voltados para a alfabetização de jovens e adultos e para formar profissionais para atuar nessa modalidade de ensino; o PROJOVEM, para os alunos de 18 a 24 anos que ainda não conseguiram concluir o ensino fundamental; e, o PROEJA, que é o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos, voltado para a educação profissional técnica do ensino médio.

Com a trajetória retrospectiva da EJA, pode-se observar que houve avanços significativos nessa área na educação em termos sociais, políticos e econômicos. Contudo,

apesar dos avanços, para além de assegurar o acesso ao sistema de ensino, se registra no cotidiano das escolas públicas uma expressiva evasão dos alunos e uma baixa permanência. O desafio das Universidades é produzir conhecimento como forma de explicar esta realidade e de propor possíveis linhas de ação para a sua superação na perspectiva de assegurar a permanência do alunado de forma a que se possa tornar a EJA um ensino ao longo da vida.

2.2 A EJA É UM DIREITO DE TODOS

Todos nós temos o direito a uma educação que não seja apenas aprender a ler, escrever e calcular. É preciso superar as concepções de que a EJA ocorre apenas para repor um tempo perdido a ser recuperado como resgate de uma dívida social, visando apenas à superação de um deficit. A Educação de Jovens e Adultos assume uma perspectiva de inclusão e de conquistas pela igualdade social, tornando-se um direito.

Conforme Diniz (2012, p. 63):

Como deficit a educação é vista como compensação das ciências escolares. Como direito, o sujeito é visto como cidadão. Sem deixar de reconhecer que existe um débito social, o direito à educação deve ser assegurado a todos os cidadãos e cidadãs ao longo da vida, de forma adequada e estruturada e não de forma meramente compensatória.

Ainda segundo Diniz (2012, p. 64), a estruturação da EJA até a Constituição Federal de 1988 era considerada um déficit, expressa assim até então pela “edição de um conjunto de campanhas de alfabetização e de uma escolarização de carácter compensatório”. A EJA passa da perspectiva do deficit e é reconhecida como direito a partir da Constituição Federal e, posteriormente, pela LDB. Entretanto, é só a partir do ano 2003, com a chegada de um novo Governo Federal no Brasil, que é assumida, conforme Romão (2008 *apud* DINIZ 2012, p. 68), “como uma das prioridades educacionais, na perspectiva da educação como um direito e não como um serviço, de carácter estratégico para o desenvolvimento sustentável do país”.

A EJA deve garantir o direito à vivência plena e aos processos educativos que vão além da escolarização e que levem em consideração a vivência dessas pessoas no trabalho, na cultura, nos aprendizados que já possuem e nas questões de raça e gênero.

A modalidade EJA é assegurada pela Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que estabelece, no capítulo II, seção V, a educação de jovens e adultos. Seu Artigo 37 afirma que “a educação de Jovens e Adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudo no ensino fundamental e médio na idade própria”.

No ano 2000, a Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho, em seu art. 1º, institui as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos a serem obrigatoriamente observadas na oferta e na estrutura dos componentes curriculares de ensino fundamental e médio”. No art. 2º, afirma que “a presente Resolução abrange os processos formativos da Educação de Jovens e Adultos como modalidade da Educação Básica nas etapas dos ensinos fundamental e médio”. Dessa forma, a EJA passa a ser entendida como um direito humano e social.

2.3 UMA EJA ALÉM DA ALFABETIZAÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é vista como uma modalidade de ensino para aquelas pessoas que não tiveram acesso à educação na idade própria com o objetivo de alfabetizar esses alunos. Muitas vezes são usados pelo professor métodos iguais aos que são utilizados com crianças e, com isso, faz com que o aluno da EJA se evada da escola. Segundo Gonçalves (2009, p. 22), é preciso:

Valorizar as práticas sociais dos adultos... Fazer aparecerem os assuntos de seus interesses imediatos, de sua experiência de vida, de sua oralidade, de suas aspirações ligadas ao desejo de estudar. O educando adulto precisa ser tratado na sala de aula como um sujeito que enfrenta problemas concretos, que defende interesses práticos, caso contrário este não persevera em seus estudos.

A EJA é muito mais que uma mera alfabetização que ensina a ler e escrever. Conforme Freire (2002, p. 58), “aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem”. É preciso desenvolver nos alunos da EJA competências e habilidades que façam com que esses alunos construam um conhecimento crítico, fazer com que eles aprendam não só a ler e escrever um livro, mas que sejam capazes de ler o mundo, tomando conhecimento e consciência dos seus direitos e deveres. É preciso preparar para o mercado de trabalho, pois, como afirma Ireland (*apud* SATO, 2013, s/p):

A alfabetização é uma parte fundamental, mas não é a única. No Brasil, a EJA tem sido associada à escolaridade compensatória para pessoas que não conseguiram ir para a escola quando crianças, o que é um erro. A UNESCO trabalha com o conceito dos quatro pilares, surgido do desafio apresentado por um mundo em rápida transformação: precisamos aprender a ser, a viver juntos a fazer e a conhecer.

O aluno da EJA já vai para a escola com uma bagagem de conhecimento muito grande e muitas vezes são bloqueados pelo professor. É preciso que o professor da EJA abra espaço, no primeiro momento, para que esses alunos que chegam à escola possam falar dos seus conhecimentos prévios e do que eles esperam aprender naquela sala de aula, uma vez que esses alunos já chegam cansados de um dia inteiro de trabalho à escola. Conforme Lopes e Sousa (2012, p. 11), “educador e educandos devem caminhar juntos, interagindo durante todo o processo de alfabetização. É importante que o adulto alfabetizando compreenda o que está sendo ensinado e que saiba aplicar em sua vida o conteúdo aprendido na escola”.

Para isso, é preciso que o professor leve em consideração os conhecimentos adquiridos pelos alunos no dia a dia, no seu trabalho, em casa, nas ruas etc. O professor deve procurar conhecer seu aluno e mostrar para ele que está ali para trabalhar junto, que não vai só ensinar, mas também aprender com as suas experiências. É preciso trazer o mundo dos alunos para dentro da sala de aula mesmo sabendo que é difícil, pois cada aluno tem uma história de vida diferente, mas para que a EJA aconteça de fato, sem tanta evasão, é preciso mostrar para o aluno que ele é importante para a sociedade.

Sobre isso, as autoras Lopes e Sousa (2012), em seu artigo “EJA: uma educação possível ou mera utopia”, vêm nos relatar que o alfabetizador deve conhecer o grupo com o qual vai trabalhar antes de iniciar as atividades de ensino e esse conhecimento pode ocorrer através do cadastro dos alunos e pelo diagnóstico inicial para, então, a partir daí, planejar suas aulas, suas atividades e, assim, tornar o processo de alfabetização mais participativo e democrático.

Todo ser humano tem direito à educação de qualidade que vise o crescimento do indivíduo, pois vivemos em constante e eterno aprendizado, já que se aprende com um amigo, na rua, em uma conversa informal, isto é, tudo gira em torno do aprender. A EJA nos mostra que esse aprender mesmo que não seja no tempo correto, ou seja, na idade destinada pelas políticas públicas, serve como ponto de partida para inserir esse indivíduo novamente na sociedade. De acordo com Paiva (1973, p. 16), “a educação de Jovens e Adultos é toda educação destinada aqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários”.

A EJA é muito mais do que uma escolinha que ensina a ler e escrever, tendo em vista que ensina as competências e habilidades que faz com que os alunos que já possuem sua

leitura de mundo possam ser mais atuantes e críticos na sociedade contemporânea, compreendendo o seu papel e que possuem direitos e deveres.

A educação se reconstrói o tempo todo e em qualquer lugar a partir das experiências vividas pelos alunos e/ou professores através do diálogo entre educando/educando e educando/educadores como afirma Gonçalves (2009, p. 20):

Uma educação que se reconstrói, o tempo todo, impulsionada pela investigação em torno do universo de vida e de pensamentos dos educandos, e pela construção de uma sociedade fundada no diálogo e na visualização da dimensão política implicada na educação.

A EJA requer do professor uma visão mais compreensiva da realidade, pois esse aluno é diferenciado porque já possui uma leitura de mundo, já constituiu sua própria identidade, conhece seus desejos e anseios, já sabe o que quer, já sabe os seus ideais.

Segundo Lopes e Sousa (2012, p. 12), “o professor que vai atuar com jovens e adultos deve ter uma formação especial, que lhe permita compreender os anseios e necessidades dessas pessoas tão especiais, além de saber lidar com os sentimentos dela”. O educador deve compreender o seu papel dentro de uma sala de aula da EJA, pois, além de ensinar a ler e escrever, resgata esse aluno para compreender a sua realidade e para uma nova visão de mundo com perspectivas para um futuro de qualidade. O professor também deve estar atento para os conteúdos aplicados na EJA, deve atender à pluralidade desse público, deve incluir suas vivências já adquiridas, sua realidade, pois, para trabalhar com jovens e adultos, deve ser implantado uma nova consciência metodológica.

O educador deve perceber o aluno como um ser pensante, cheio de capacidade e portador de ideias, que se apresentam espontaneamente, em uma conversação simples e em suas críticas aos fatos do dia a dia. O mesmo deve apresentar-se como um aliado do educando, e não como um “doutor”, arrogante, pois nesse caso o aluno vai se sentir inferiorizado e discriminado. O aluno adulto tem muito a contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, não só por ser um trabalhador, mas pelo conjunto de ações que exerce na família e na sociedade (LOPES; SOUSA, 2012, p. 15).

O educando adulto vai se interessar mais pelos estudos se perceber que está sendo valorizado, que está participando ativamente do processo de ensino-aprendizagem e que o professor está valorizando seus conhecimentos prévios de mundo. Ele passa a acreditar que mudando a si mesmo está mudando também a sua sociedade, a sua realidade e a essência do seu país. Na EJA, cada aluno tem sua carga de conhecimento e suas experiências de vida. Assim, há necessidade de conhecer cada aluno adulto para que o processo de

ensino/aprendizagem se efetive. Devemos abordar a educação de jovens e adultos hoje tentando aprofundar sua história para compreender melhor sua situação atual, buscando, em conjunto professor e aluno, na formação de palavras, temas mais significativos da vida do aluno e familiarizando com o seu vocabulário cotidiano.

Para tanto, é preciso que o educador procure descobrir: Quem são os alunos da EJA? Para que serve o ensino de língua portuguesa?

Diante disso, considera-se que, em resposta à primeira questão, se percebe que a modalidade é composta por um alunado misto, cujo perfil se distingue em relação à idade, expectativas e comportamento. Trata-se de um jovem ou de um adulto que, historicamente, sofreu a exclusão, seja ela pela possibilidade de acesso à escolarização, pela isenção da educação regular ou mesmo por ter que trabalhar.

Já em relação à segunda questão, o ensino de Língua Portuguesa serve para que cada jovem ou adulto consiga ler diferentes gêneros textuais presentes em variadas práticas sociais. Devemos lembrar que, de uma maneira geral, os jovens e os adultos estão inseridos no mercado de trabalho ou nele precisam ingressar. Alguns desses alunos visam apenas um diploma para sustentar sua situação profissional, mas outros querem atingir o ensino médio e até mesmo à universidade para se inserir socialmente ou profissionalmente, mas para isso é preciso derrubar barreiras preconceituosas, comumente diante dos desafios da vida. São pessoas que carregam consigo muitos conhecimentos que podem não ser aqueles sistematizados pela escola, mas surgidos de um mundo onde vivem, ou seja, em seu contexto.

A Educação de Jovens e Adultos é um campo de práticas e reflexão que, inevitavelmente, transborda os limites da escolarização em sentido restrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, à formação política e muitas outras questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar.

Segundo Ireland (2009, p. 36):

O processo de educação no indivíduo tem três dimensões sendo estas: a individual, a profissional e a social. A primeira considera a pessoa como um ser incompleto, que tem a capacidade de buscar seu potencial pleno e se desenvolver, aprendendo sobre si mesmo e sobre o mundo. Na profissional, está incluída a necessidade de todas as pessoas se atualizarem em sua profissão, todos precisam se atualizar. No social (sendo este, a capacidade de viver em grupo), um cidadão, para ser ativo e participativo, necessita ter acesso a informações e saber avaliar criticamente o que acontece.

Quando um jovem ou um adulto procura uma escola que ofereça a EJA, está em busca de um alimento para fortalecer sua própria autoestima e suas possibilidades de interagir num mundo que transforme sua vida, desejos de conhecimentos, necessidades de mudanças e crescimento, pois a educação possibilita ao indivíduo jovem e adulto retomar seu potencial, desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extraescolar e na própria vida, com vistas a um nível técnico e profissional mais qualificado.

A EJA, então, representa uma possibilidade que pode contribuir para efetivar um caminho e desenvolvimento das pessoas de todas as idades. Planejar esse processo é uma grande responsabilidade social e educacional, cabendo ao professor, no seu papel de mediar o conhecimento, ter uma base sólida de formação. Os alunos jovens e adultos já possuem uma bagagem de conhecimentos e, quando voltam à escola, desejam obter novas informações e conceitos que se relacionem com aqueles já existentes em sua estrutura cognitiva, tornando a nova aprendizagem significativa. Por isso, na EJA, é imprescindível levar em consideração a experiência de vida dos alunos.

2.4 EVASÃO E PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Sabemos que os motivos pelo qual o aluno jovem, adulto ou idoso volta à sala de aula são bastante diversificados, como necessidade por parte do trabalho, vontade de aprender a ler e escrever, adquirir mais conhecimento, dificuldades de interagir com as pessoas, ter o diploma do curso em si sem nenhuma perspectiva de futuro etc. Em alguns casos, as pessoas já idosas voltam a estudar quando veem seus netos fazendo a lição de casa e pedindo ajuda na hora da realização e isso faz com que elas se sintam “inferiores”, sem condições de ajudar e, por isso, voltam à escola como uma obrigação.

Na maioria dos casos, permanecem por querer chegar mais além, aprender não só a ensinar a lição de casa para o neto, mas para conseguir vencer na vida independente da idade. Conforme Cardoso e Ferreira (2012, p. 73):

A educação é o meio mais importante e até mesmo o mais acessível para se conseguir trabalho e reconhecimento na sociedade. E que apesar das dificuldades passadas e presentes, os alunos ainda veem a escola com olhar de esperança. Esperança de conseguir um “emprego melhor”, ou até mesmo de conseguir o “primeiro emprego” e, assim, poder ter melhores condições de vida.

A escola é, sem dúvida, um dos alicerces mais importantes na vida dos alunos, pois trabalha não só o conhecimento pedagógico, mas esse aluno para que possa compreender a vida fora da sala de aula. Os alunos buscam não só o conhecimento para o sustento profissional, mas um conhecimento que possa levá-los à realidade em que estão inseridos e quem sabe mudá-la.

O professor é peça fundamental no complemento do aprendizado, já que é ele quem prepara o indivíduo para ser inserido na sociedade com possibilidades de interação e transformação no mundo atual.

Os professores são peças importantes nesse processo de (re) significação da educação na vida dos alunos. É necessário que os professores abordem questões relativas ao trabalho e suas diversas formas; que pensem num currículo que atenda essas necessidades, perceptíveis nos alunos ao retornarem a escola (CARDOSO; FERREIRA, 2012, p. 70).

O professor deve ser um mediador dos novos conhecimentos de modo que contribua para que o alunado seja capaz de acompanhar as facilidades que a evolução possibilita. A falta de formação do docente com qualificação necessária para compreender e atender as reais necessidades é um dos fatores para permanência ou não desse aluno em sala da EJA, pois é inadmissível que os professores utilizem dos mesmos métodos das chamadas classes regulares, tendo em vista que é preciso ter consciência de que o aluno da EJA possui características diferenciadas dos demais já que chegam à escola com uma bagagem de conhecimento pré-definida e isso deve ser valorizado ao máximo. A CONFINTEA V (p. 39) deixa claro que “A alfabetização deveria abrir o caminho de uma participação ampliada na vida social, cultural, política e econômica. É imperioso que ela seja conectada com a situação socioeconômica e cultural de cada um”. É preciso levar em consideração a condição social, cultural e étnica de cada indivíduo, respeitando as diferenças e semelhanças.

A educação de adultos oferece aos aprendizes adultos uma oportunidade essencial de utilização de todas as instituições culturais... O respeito pelos indivíduos, por sua cultura e por sua comunidade é o fundamento do diálogo e da instauração de um clima de confiança, bem como de uma educação e de uma formação pertinentes e duradouras. (CONFINTEA V; p. 49).

O professor de EJA deve estar atento às curiosidades e dificuldades dos alunos, procurando conhecer a comunidade em que estão inseridos, dialogando com cada um, pois dessa forma através do diálogo descobrirá quais os medos e anseios do alunado e assim

poderá agir de forma coerente, para dá uma boa aula, ajudando-os a vencer esses medos e fazendo com que eles permaneçam na sala de aula, buscando sempre o melhor para si e para os outros.

3 VIVENCIANDO A REALIDADE

3.1 SOBRE A OBSERVAÇÃO

A Escola Municipal Francisca Moura está localizada no bairro de Mandacaru, na zona Norte da cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, e faz divisa com os bairros dos Ipês, dos Estados, Padre Zé e Róger e com o município portuário de Cabedelo.

O bairro de Mandacaru é composto pelas comunidades Cinco Bocas, Beira da Linha, Porto João Tota, Beira Molhada, Jardim Coqueiral e Jardim Mangueira, além de ser circundado pelo mangue. É rico em manifestações culturais populares, existindo no bairro três agremiações carnavalescas de tribos indígenas, que são: Tupinambás, Guanabara e Tupy Guarany, esta última fundada por Mestre Zé Moura (falecido em 2010). Existem também as quadrilhas juninas; a ciranda na comunidade Beira Molhada, que é cantada pelo Sr. João da Baleia; e, o grupo de teatro amador Arte Povo. Com relação à infraestrutura, 80% do bairro é calçado, tem saneamento básico e água encanada. Na área comercial, funcionam um mercado público (mercado dos estados), postos de combustíveis, supermercado, locadoras de automóveis, locadora de vídeo, uma fazenda de carcinicultura, pedreira, panificadoras, farmácias, laboratórios, casa de eventos, empresa de transporte, estação de trem, duas vias expressas (Ayrton Senna e Tancredo Neves), duas praças, campo de futebol (“Juracisão”), USF’s e posto de saúde. Na área de educação, possui três escolas públicas municipais, três escolas públicas estaduais e a biblioteca comunitária (ponto de leitura), administrada pela Associação Comunitária de Educação e Cultura (CACTOS) em parceria com o Ministério da Cultura.

3.2 OS SUJEITOS E AS ENTREVISTAS

A Escola Municipal Francisca Moura dispõe de seis salas de aula, toaletes para alunos separados por sexo, toaletes para funcionários em geral, um ambiente para os professores, um ambiente para os diretores e especialistas, uma secretaria escolar, uma sala de leitura, uma sala de vídeo, um depósito de materiais, uma cozinha com dispensa, dois pátios – sendo um interno e outro externo coberto –, uma rádio, um laboratório de informática, uma biblioteca com o acervo de três mil livros e não possui quadra esportiva.

A escola tem em sua equipe pedagógica técnicos formados por prestadores de serviços e profissionais efetivos. Tem três diretores adjuntos e um diretor geral, uma secretária geral, cinco auxiliares especialistas, uma orientadora pedagógica, três supervisores, dois psicólogos, um inspetor, três vigias, vinte oito professores nos três turnos (manhã, tarde e noite) e cinco merendeiras. Tal equipe está apta ao atendimento de 422 alunos em todos os turnos, com e sem necessidades especiais. Atende alunos do sexto ao nono ano (ensino fundamental I e II e a EJA) e em média 35 alunos no sexto ano e nas outras séries 30 alunos por sala. A faixa etária dos educandos varia entre 10 a 66 anos, sem critérios para o acesso do aluno na escola. O perfil socioeconômico e familiar dos educandos é de classe média baixa na maioria, funcionários públicos e pequenos comerciantes, de religião católica e evangélica e que moram em bairros próximos.

Os programas e projetos de financiamento que são desenvolvidos na escola são:

- PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola);
- Mais Educação;
- Ano Cultural;
- Família na Escola;
- Comitê pela Vida.

Com o PDE (Plano de Desenvolvimento da Escola), a escola compra o que necessita, incluindo os materiais de serviços e equipamentos eletroeletrônicos, bens duráveis e não duráveis. O dinheiro do financiamento do PDE é entregue de acordo com o número de alunos matriculados e é distribuído para financiar a necessidade apresentada da instituição e também para a qualificação dos educadores em alguns casos, pois, para obter uma educação de qualidade, precisamos de professores também qualificados. Os resultados obtidos com o programa são positivos, tendo em vista que ajuda a melhorar a qualidade da educação, formação dos professores, aumento do índice do IDEB, redução da evasão escolar e ainda subsidia o trabalho na escola. Assim, a escola possui todos os recursos tecnológicos necessários para que o professor possa elaborar e ministrar uma boa aula.

O Programa Mais Educação tem o objetivo de uma educação integral: estuda-se em um turno e no turno oposto trabalha com oficinas.

O Projeto Ano Cultural tem o objetivo de homenagear personalidades paraibanas que se destacam no cenário cultural brasileiro. O projeto já homenageou Ariano Suassuna (2007), José Lins do Rego (2008), Sérgio de Castro Pinto (2009), Zé Ramalho (2010), Políbio Alves

(2011) e Hebert Vianna (2012). No ano de 2013, as homenageadas serão Elba Ramalho e Cátia de França.

O Projeto Família na Escola trabalha com palestras e dinâmicas que envolvam a família na escola para que as dificuldades e os projetos sejam expostos. A família é um fator positivo na comunidade da escola, onde há a valorização da comunidade e, em contrapartida, a comunidade responde guardando a escola contra qualquer imprevisto – arrombamentos, assaltos e violência, por exemplo.

O Projeto Comitê pela Vida trabalha com parcerias com a ONG Amazonas, PSF, Conselho Tutelar e Ministério Público.

3.3 RESUMO DA ENTREVISTA

A entrevista se deu com alunos na faixa etária entre 27 a 66 anos, tendo em sua maioria alunos do sexo feminino, sendo composto apenas por três alunos do sexo masculino. A maior parte dos entrevistados é casada e oriunda da área rural, trabalhando como doméstica, costureira, copeira, feirante e operador de máquinas.

Grande parte dos alunos envolvidos na pesquisa não frequentou o ambiente escolar quando criança e as circunstâncias foram as mais diversas possíveis. Em alguns casos, era porque não tinha escola na área rural onde eles moravam e, em outros, o motivo era a necessidade de trabalhar para ajudar com o rendimento familiar. Porém, uma das únicas entrevistadas nos relatou o inesperado: ela não frequentou o ambiente escolar porque sua avó não permitia e escondia suas roupas para que ela não pudesse sair de casa. Mesmo com tantas dificuldades encontradas por esses alunos, a pouca lembrança do ambiente escolar é relatada com um brilho singular nos olhos, pois foi através desse poucos momentos que puderam aprender as poucas palavras que conseguem escrever e ler.

A pouca escolaridade foi relatada como um fator determinante para acontecimentos de situações constrangedoras, tais como: não conseguir identificar o nome do ônibus e ter que vim para casa a pé e a perda de oportunidade de emprego. Melhorar essa situação foi um dos motivos para o regresso de alguns alunos para o ambiente escolar. Nessa etapa da vida, estão em busca de oportunidade, mas, acima de tudo, em busca de realização pessoal com a possibilidade de aprender ler e escrever. Outros ainda relataram que gostariam de continuar os estudos ingressando em uma Instituição de Ensino Superior.

3.4 PASSO A PASSO

Iniciamos nossa pesquisa de campo em uma sala da EJA do Ciclo I que teve início no mês de maio. Funciona das 19h às 21h porque muitos moram longe e há risco em virtude da violência desacerbada no bairro.

Ao chegarmos à Escola Municipal Francisca Moura, às 19h, fomos muito bem acolhidas pela gestora, que nos recebeu em seu ambiente e dialogou sobre as turmas da EJA que funcionam na escola. Fomos apresentadas à professora, que é muito atenciosa e que também nos recebeu muito bem.

A sala de aula é espaçosa, possui janelas, ventiladores, um quadro branco e é bem iluminada, sua clientela é de alunos dos 27 aos 66 anos. Na primeira conversa com a professora sobre a sala de aula, ela nos relatou que há quatro alunas que não sabem escrever e que tinha outra aluna que também não sabia, mas que, com muito esforço, ela já consegue assinar o seu nome. A sala possui 30 alunos que frequentam regularmente, só que, nesse dia, tinha apenas oito alunos, pois no dia anterior não tinha havido aula e alguns alunos preferiram não comparecer a aula.

Às 20h, vem uma pessoa na sala avisar que é o momento da merenda. Os alunos saem da sala, recebem a merenda e retornam para sala para poder lanchar. Ao terminar, depositam o prato em um balde que fica na porta e que, em seguida, é recolhido pela mesma pessoa que anteriormente tinha vindo avisar.

A professora entregou uma tarefa com ilustrações e o alfabeto móvel para facilitar o entendimento da tarefa proposta, tendo várias imagens como as de vassoura, joaninha, caneta, chapéu, entre outras, para que os alunos achassem a palavra correspondente à figura. Eles responderam em silêncio quase que absoluto, o qual só era quebrado quando surgia alguma dúvida, que era explicada com muita paciência e tranquilidade por parte da professora que respeita muito o processo de aprendizagem de cada aluno.

Quando estava próximo ao término da aula, entram algumas crianças na sala e sentam, as quais são filhos dos alunos que vêm para a escola acompanhando seus pais, mas ficam por um determinado tempo na biblioteca com um professor readaptado no projeto de leitura.

No segundo dia, ao chegarmos à escola, a diretora nos avisou que a aula iria ser diferente, não seria dentro da sala, mas na sala de vídeo, pois seria apresentado um documentário sobre a história da morte de João Pessoa para que os alunos pudessem entender o porquê do feriado e quem foi esse personagem ilustre que leva o nome da nossa cidade, já que a data comemorativa a esse dia aconteceria no dia subsequente. Neste momento, estavam

presentes todas as turmas e, com isso, pode haver uma mesclagem de gerações, contemplando do mesmo saber.

Ao terminar o vídeo, retornamos a sala de aula e a professora completou a explicação com suas palavras e com o seu jeito de explicar aos seus alunos. Depois, ela propôs que os alunos elaborassem uma produção textual intitulada “Um pouco de mim”. Para facilitar, ela iniciou com a seguinte frase: “Meu nome é ...” e os alunos completavam com seus dados, os quais eram auxiliados por ela para que a tarefa fosse realizada com sucesso. Ao término da aula, a gestora entrou na sala para entregar as carteiras de estudante.

No terceiro dia, a professora trabalhou o número 100, em que entregou uma tarefa xerocada para cada aluno e os auxiliou para responder a atividade. Quando a professora estava explicando a tarefa, foi interrompida pela gestora para a entrega dos livros didáticos e as fardas. Na entrega, ela usava de palavras infantilizadas para com eles, muito diferente da professora que, em momento algum, utiliza de palavras infantis.

Ao terminar a entrega dos materiais, fomos para a sala de vídeo assistir um vídeo em comemoração aos 445 anos da cidade de João Pessoa. O professor de História palestrou sobre os acontecimentos importantes na época em que a cidade foi fundada. Foi observado que, em todos os acontecimentos importantes, como datas comemorativas, a escola comemora apresentando sempre o porquê dos feriados.

No quarto e quinto dias, as entrevistas foram realizadas com os alunos com a permissão dos mesmos e da professora. Para cada entrevistadora foi dividido um grupo de alunos, que eram entrevistados separadamente, respeitando o momento de cada um, sem interromper nem intervir nas respostas. Os alunos foram muito receptivos à entrevista e percebemos que eles não se incomodavam em expor um pouco da sua vida para nós. Enquanto era realizada a entrevista com alguns alunos, a professora colocava no quadro para o restante da turma uma atividade de compreensão textual e gramática.

No sexto dia, a escola promoveu uma festa para comemorar o dia do estudante. Na sala de aula, a professora organizou uma tarefa colocando os alunos separados por grupos para responder a atividade proposta. Apesar da professora querer fazer uma aula diferente em comemoração ao dia, ela não conseguiu atingir seu objetivo utilizando-se dos mesmos meios e isso fez com que os alunos não se sentissem totalmente envolvidos pela atividade proposta. Em seguida, os alunos foram para o pátio interno para o ponto alto da comemoração, tendo uma gincana com perguntas e respostas sobre atualidades e quem respondesse corretamente ganhava um prêmio.

Concluimos nossas atividades na escola com uma dinâmica de grupo em agradecimento ao acolhimento dado pelas pessoas presentes e as contribuições que foram primordiais para o nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

4 CONCLUSÃO

A EJA é uma modalidade de ensino que, atualmente, vem ganhando espaço em estudos e pesquisas, precisando ser compreendida em sua totalidade para, então, contribuir no processo da educação nacional. Vista como um direito de todos, essa educação assegura aos alunos que não concluíram os estudos na idade própria nova oportunidade de voltar a estudar e, assim, concluir seus estudos.

Foi possível perceber os motivos de evasão da grande maioria dos alunos matriculados na EJA, tais como: sociais, econômicos e culturais. Desistem muitas vezes por falta de interesse, por questões trabalhistas, familiares e até mesmo pela falta de motivação dos professores. É preciso que os professores da EJA sejam agentes motivadores que incentivem seus alunos a crescer.

Pensar na permanência dos alunos da EJA talvez seja o maior desafio, pois muito se fala sobre a evasão e se esquece de dar ênfase à permanência. Percebemos que há vários fatores que contribuem na permanência desses alunos na sala de aula, como a necessidade por parte do trabalho, vontade de aprender a ler e escrever, adquirir mais conhecimento, dificuldades de interagir com as pessoas e muitos apenas para ter o diploma do curso em si sem nenhuma perspectiva de futuro.

Foi possível perceber, no decorrer das observações na sala de aula, que a professora procurava trabalhar sempre em grupos, buscando despertar no alunado a importância do diálogo, do trabalho coletivo e do saber ouvir por meio da troca de experiência por eles vivida. Compreendemos que a prática educacional adotada pela mesma resgata não só o interesse ao regresso desses alunos ao ambiente escolar, mas devolve o brilho no olhar e a autoestima perdida. Contudo, ainda há desafios a serem alcançados para tornar essa educação de Jovens e Adultos em uma educação que não seja uma mera utopia, mas uma educação ao longo da vida.

REFERÊNCIAS

BEISIEGEL, C. R. **Estado e educação popular**: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Ática, 1982.

BRENNAND, Edna Gusmão de Góes; PRESTES, Emília Maria da Trindade; ROSSI, Silvio José (Orgs.). **Comunidades de aprendizagem e educação ao longo da vida**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

CARDOSO, J.; FERREIRA, M. J. R. Inclusão e exclusão: o retorno e a permanência dos alunos na EJA. **Debates em Educação Científica e Tecnológica**, v. 2, n. 2, p. 61-76, 2012.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. **Ideologia do desenvolvimento - Brasil: JK - JQ**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

DINIZ, A. Educação de Jovens e Adultos: uma historiografia entre o deficit e o direito. In: ANDRADE, Francisco Ari; SANTOS, Jean Mac Cole T. **Ditos e interditos em educação brasileira**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

FERNANDES, Ângela. Porque jovens de 15 a 17 anos estão na EJA. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/jovens-15-17anos-estao-eja-639052.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. Práticas não-escolares e inclusão. **Educação ao longo da Vida**, Salto para o Futuro, ano 19, n. 11, set. 2009.

IRELAND, Timothy. A EJA tem agora objetivos maiores que a alfabetização. **Nova Escola**, n. 223, p. 36-40, 2009.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUZA, Luzia Silva. EJA: uma educação possível ou mera utopia. Disponível em: <http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2013.

MACHADO, Maria Margarida. Políticas e práticas escolares de educação de jovens e adultos como direito a cidadania e formação de professores. **Educação ao longo da Vida**, Salto para o Futuro, ano 19, n. 11, set. 2009.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Educação de Jovens, Adultos e Idosos. **Educação ao longo da Vida**, Salto para o Futuro, ano 19, n. 11, set. 2009.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 5º Ed. São Paulo: Loyola, Ibrades, 1987.

SAUNER, Nelita F.M. **Alfabetização de Adultos**. Curitiba: 1º ed. Juruá, 2002.

SATO, Paula. Timothy Ireland: "A EJA tem agora objetivos maiores que a alfabetização". 2013. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/modalidades/eja-tem-agora-objetivos-maiores-alfabetizacao-476424.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

VICHESSI, Beatriz. Alô turma da EJA: No interior gaúcho, programa de rádio aperfeiçoa o desempenho escolar de jovens e adultos. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/praticapedagogica/alo-turma-eja-427380.shtml>>. Acesso em: 10 mar. 2013.

VIEIRA, Maria Clárisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos**. Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

V CONFINTEA. Conferência Internacional sobre Educação de Adultos. **Declaração de Hamburgo e Agenda para o Futuro**. Hamburgo, Alemanha: Unesco, 1997.

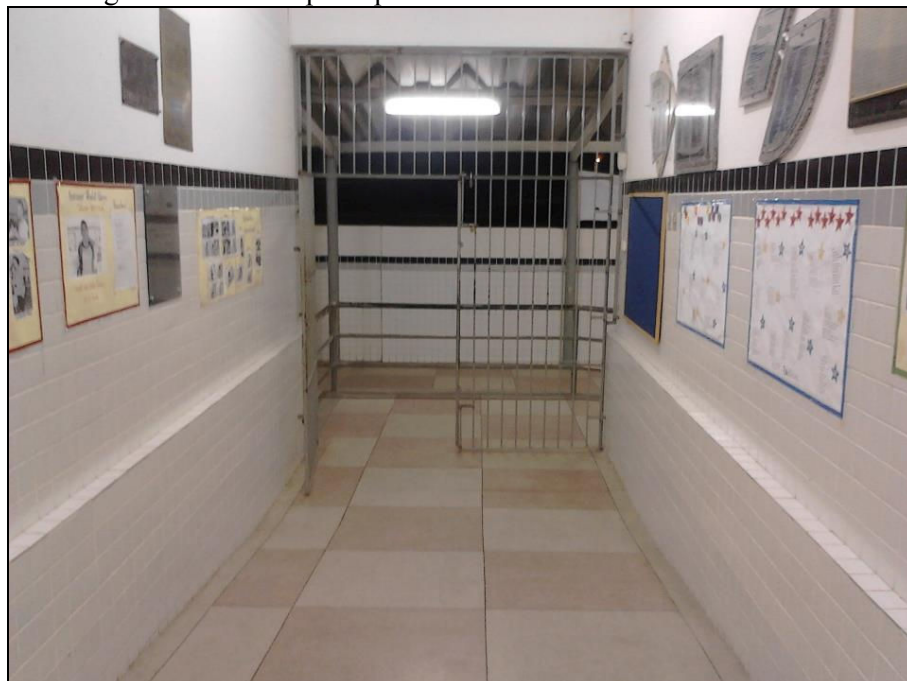
ANEXOS

Figura 1 – Fachada da Escola Municipal Francisca Moura.



Fonte: *Facebook* da Escola Municipal Francisca Moura.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.

Figura 2 – Entrada principal de acesso às salas de aula da Escola.



Fonte: *Facebook* da Escola Municipal Francisca Moura.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.

Figura 3 – Corredor da Escola.



Fonte: *Facebook* da Escola Francisca Moura.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.

Figura 4 – Corredor da Escola (2).



Fonte: *Facebook* da Escola Municipal Francisca Moura.

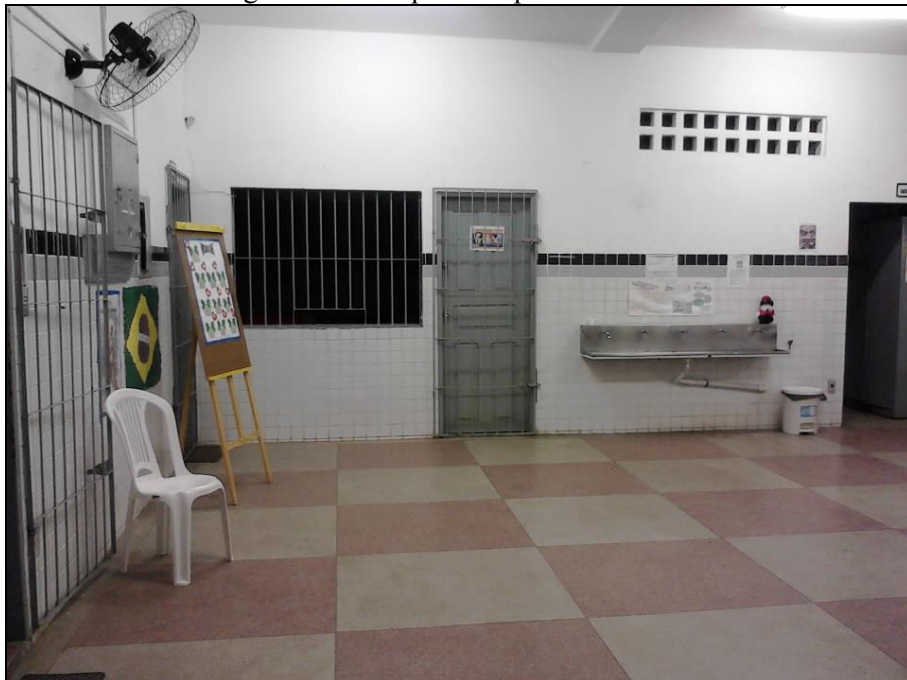
Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.

Figura 5 – Direção e Secretaria da Escola.



Fonte: *Facebook* da Escola Municipal Francisca Moura.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.

Figura 6 – Uma parte do pátio da Escola.



Fonte: *Facebook* da Escola Municipal Francisca Moura.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.

Figura 7 – Bebedouro e cantina da Escola.



Fonte: *Facebook* da Escola Municipal Francisca Moura.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.

Figura 8 – Rádio “A voz da Galera” da Escola.



Fonte: *Facebook* da Escola Municipal Francisca Moura.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.

Figura 9 – Mural do Comitê pela Vida da Escola.



Fonte: *Facebook* da Escola Municipal Francisca Moura.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/FM.com.br>>. Acesso em: 04 set. 2013.